



*Pela Santa República: política e religião na Primeira República no Estado do Piauí (1891- 1924).*

Patrícia de Sousa Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O Brasil passou por transformações significativas após a Proclamação da República em 1889, algumas foram sentidas de modo intenso por alguns grupos de elite, inclusive os próximos a Igreja Católica, que perdia seu lugar de destaque pós fim do padroado. No Piauí, os embates foram foco de críticas e ironias divulgadas nos jornais do Estado, uma discussão que envolvia progressistas e o partido católico. Discutiremos esse posicionamento da Elite piauiense a partir da análise dos jornais Apostolo, A Cruz e o Correio e dos artigos publicados na revista Litericultura e no livro História das Religiões do Piauí, observando os posicionamentos e busca do religioso nas disputas eleitorais.

Palavras- Chave: Elite piauiense. Política. Piauí

**Abstract:** Brazil underwent significant transformations after the Proclamation of the Republic in 1889, some of which were strongly felt by some elite groups, including those close to the Catholic Church, which lost its prominent place after the end of patronage. In Piauí, the clashes were the focus of criticism and ironies published in newspapers, a discussion that involved progressives and the Catholic party. We will discuss this positioning of the Piauí elite from the analysis of the Apostolo, A Cruz and O Correio newspapers and the articles published in the magazine Litericultura and in the book História das Religiões do Piauí, observing the positions and search of the religious in the electoral disputes.

**Key-words:** Elite piauiense. Politics. Piauí.

### **Introdução**

A igreja se revela como um lugar de produção da fé os sujeitos aqui circunscritos colocam sua devoção e se aproximam de um Deus redentor pela mediação da igreja e seus santos, mas em alguns momentos a fé torna-se um campo de disputa e a Igreja uma arena perigosa e fantástica para os sujeitos em disputa.

Em disputa está o posto “afetivo” do santo que em benção os colocara na disputa eleitoral permitindo a vitória que será comemorada com a ida a Igreja/ Santuário para agradecer os votos e assim manter um laço que garantiria sua proteção ao longo da

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora do Instituto Federal do Maranhão – Campus São João dos Patos.

candidatura. Os espaços piauienses que mais atraem devotos também atraem um número considerável de políticos que constroem a imagem de homens devotos ao se assemelharem a seus eleitores na busca ao santo, a contrição ao Deus e seus mediadores, os santos garante a aproximação desses políticos aos santos.

No Piauí as discussões estiveram presentes na primeira República pela disputa por um lugar no poder por grupos de referências ideológicas distintas, alguns afeitos as reformas propostas pela república outros de manter a ortodoxia e controle da Igreja Católica o que garantiria a manutenção no poder de alguns grupos.

Discutiremos como no Piauí as elites católicas sobrevivem ao poder pós fim do padroado e como grupos antagônicos aproximam-se da Igreja Católica para obter o apoio do “Santo”, em uma relação de disputa de poder que se confunde com os pedidos de graça, mas também levaremos em conta os conflitos entre esses dois importantes grupos uma elite intelectual e uma elite católica. Discutiremos as nuances desse conflito de interesse, mas também as estratégias que cada grupo fará para manter seu poder frente a população piauiense.

### **Afaste a fé e reconstrói o vínculo**

O Piauí assim como demais estados da federação sentiu o afastamento entre Estado e Igreja Católica, os vínculos antes garantidos no processo de ocupação do Brasil agora estavam desfeitos pelo fim do Padroado. No Piauí o Estado garantiu por algum tempo os recursos para melhoria das Igrejas, mas os mais acalourados viam como uma “guerra contra a igreja”<sup>2</sup> essa separação dos dogmas católicos.

A religião agora supostamente apartada do Estado pelo laicismo não garantia que a moral e o espírito religioso fossem colocados como determinantes da vida dos homens, o progresso e as transformações políticas vividas no Brasil exigiam uma nova forma de pensar o político e nisso estava incluso certa distância do Sagrado, ou dos elementos religiosos que afastavam do progresso, era momento de uma racionalização.

Por mais que o Estado do Piauí consumisse da política nacional e do desejo republicano, opositores da Igreja e os defensores de uma “ordem católica”, em algumas

---

<sup>2</sup> Termo utilizado no Jornal A Cruz para apontar a separação entre Igreja e Estado.

circunstâncias acabaram se encontrando, a necessidade de ordenamento social em muitas circunstâncias se confundirá com a necessidade de controle dos ritos e das festas de devoção, o laicismo também determinaria a forma como os sujeitos deviam se aproximar do santo e sua contrição publicamente.

As críticas ao novo regime político passaram a ser expostas por um dos jornais católicos do Piauí, A Cruz, que trazia um nome muito sugestivo e divulgava nas suas páginas da edição nº 21 de Janeiro de 1891 o desagrado pela recém instaurada República, vista como má e estranha aos olhos dos cidadãos.

Para que fique indelevelmente gravado no espírito de nossos concidadãos quão cruel tem sido para nossa santa religião o Governo Provisório, que parece ter tomado a peito a idéia da deschtianisar a pátria brasileira, resolvemos publicar em todos os números deste periódico somma dos grandes males com que o mesmo Provisório tem dotado. (A CRUZ, 1891. p.1)

O jornal reconhecido pela sua proximidade com os católicos, na verdade era um veículo de comunicação do partido Católico, nas páginas da edição de janeiro de 1891 aponta todo o descontentamento com o governo, que inclusive colocava o direito do casamento civil acima das bênçãos da Igreja.

A Cruz aponta ainda os percalços sofridos pelo governo provisório de Deodoro da Fonseca, clama pela notabilidade do novo governo, os ventos de esperança que mesmo para a elite católica, descrente e fervorosamente opositora deviam soprar. Nessa edição o jornal comemora dois anos e deixa sua crítica aos opositores notadamente a elite intelectual e maçônica piauiense, que desacreditava em sua durabilidade.

Entra hoje A Cruz desasombrada, de frente erguida, no segundo anno de sua calma, mas benéfica e gloriosa existência [...] Os subservientes tharibularios do governo, esses inconscientes sem crenças, sem patriotismo – que mercadejam com os seus rãos os ruidosos quanto ophemeros e insinceros applausos, cercavam-na de agourentas prophcias, assinavam-lhe bem poucos dias de existência, [...] sem se lembrar que ella vinha symbolisar, na nossa terra, um poder altamente incontrastável – o poder sublime da fé [...] (A CRUZ, 1891, p. 1)

Como um dos movimentos de afastamento a Constituição de 1891 previa o estado laico e a liberdade de culto para outras religiões, algumas vistas como daninhas ao projeto religioso católico e as medidas constitucionais só demonstravam o afastamento do cristianismo, o Estado se mostrava perigoso aos objetivos católicos.

Os grupos que se instauraram no poder no Piauí mantinham um desejo de liberdade intelectual e política, esses anseios eram apontados pelos descontentamentos e críticas ferrenhas feitas aos veículos de comunicação católicos, mas nessa disputa os católicos também queriam manter seu lugar de poder, apontando seu desagrado por serem afastados do projeto político republicano, o que não Piauí não representa uma ausência total nas decisões políticas, apenas um ponderamento.

Podemos inferir que o jornal A Cruz surge para manter os princípios católicos frente a avalanche progressista que se instaurava, além disso, o século XIX será de efervescência de periódicos sejam mensais ou semanais que tinham como propósito incluir suas ideias na sociedade em transformação, além disso, respondem a um grupo de elite heterogêneo, mas com objetivos claros a manutenção no poder.

Esses embates políticos e intelectuais não devem ser ignorados mesmo com o pequeno tempo de vida que alguns desses periódicos tiveram, não importava quanto tempo durasse, mas que fizesse a sociedade ter acesso as ideias inovadoras. Se pensarmos no universo piauiense, inúmeros periódicos nasceram e morreram propagando suas idéias mesmo em um estado com grandes índices de analfabetismo.

Embora a curta existência tenha sido característica comum a grande parte dessas publicações, não deixa de ser intrigante a capacidade que estas demonstraram de proliferar em condições ainda tão adversas, sobretudo se levarmos em consideração o alto índice de analfabetismo no período. (PIRES, 2009, p. 127)

O que se notava no início da República seria uma luta, uma guerra como aponta o jornal A Cruz contra uma estrutura político- religiosa que tinha se desenhado desde a colonização, esse regime de afastamento sugeria que não haveria mais diálogos políticos ou que teríamos embates fortes.

Esse pensamento combativo é notado pelas escritas de alguns intelectuais piauienses, uma elite que ansiava as novidades das grandes capitais brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo e o luxo racional dos parisienses. Conhecidos como anticlericais esses intelectuais assinavam nos jornais e revistas da capital Teresina sua “ode” ao progresso Hygino Cunha, Mathias Olimpio de Melo e Abdias Neves são alguns dos intelectuais que conclamavam o progresso e sua racionalidade progressista.

A intelectualidade piauiense durante muito tempo questionou essa aproximação com a religião, para eles ela já não servia aos anseios da elite, um dos mais aguerridos Hygino Cunha colocava-se contrário as ações da Igreja Católica e culpava a fé piauiense pelo retrocesso e fracasso do seu desenvolvimento. O intelectual clamava a ciência e não enxergava dialogo entre católicos e progressistas, aqui inseridos maçons e anticlericais.

As sciencias são as partes de uma mesma todo o conhecimento do universo se constituem um systema cujas divisões se influem e completam reciprocamente. Cada passo avante dado por uma dellas, impulsiona mais ou menos todas as outras e o mecanismos total move-se na direção do futuro, para a conquista da felicidade da submissão da natureza ao poder do homem. [...] Deus é uma hypothese de que não tenho necessidade. (CUNHA, 1913, p. 245)

A religião era vista de um olhar imperativamente desnecessário no entender dos intelectuais, mas transitava o seio político piauiense de modo organizado e com uma influência considerável nos espaços das famílias ditas respeitáveis, não tratava-se de uma hipótese religiosa, mas das permanencias sociais o religioso e o político mantinham dialogo mesmo com criticas a essa aproximação.

A maioria dos intelectuais piauienses pertencia a maçonaria, o espaço de reunião servia para difusão das idéias republicanas, mas também era um lugar de produção intelectual, esses espaços seletivos em nada se assemelhavam a realidade piauiense com sua maioria analfabeta que tinha pouco ou nenhum conhecimento dos novos rumos da política nacional.

Assim revistas como Litericultura de vida curta, circularam pelos pequenos grupos teresinense trazendo entretenimento e conhecimento ao seu público, seus exemplares traziam em algumas circunstancias a clara ação combativa quanto os propósitos da Igreja Católica do estado, inclusive apontando a maçonaria como elemento de liberdade, assim Mathias Olympio que seria governador do estado do Piauí definia a ação dos maçons no estado.

A opposição que lhe move desaparecerá no dia em que homens respirarem uma atmosphera mais impregnada de amor e todos os corações sinceros se estreitarem numa mesma comunidade fraternal e amiga. Não desesperemos de praticar o Bem. Os albores de uma cantante alvorada aguardam os homens no dia em que desaparecer o fel dos seus corações. (OLYMPIO, 1912, p.54)

Mathias Olympio e Hygino Cunha formam o corpo de intelectuais que junto a um grupo de republicanos darão início as disputas ideológicas, acerca das ações da Igreja católica com duras críticas ao modelo “civilizatório”, que terá a Igreja em terras piauienses, assim as críticas de Hygino serão expostas em um livro intitulado História das Religiões no Piauí, que foi ironicamente escrito pelo anticlerical Hygino Cunha percebe-se como a crítica a essa elite religiosa organizada e, que mantinha em tempos de estado laico, seu preconceito com as religiões não católicas.

Ainda me pleno regime republicano, os jornalistas e padres cathólicos não cansam de hostilizar as associações protestantes, scientificas, ou meramente caritativas ou religiosas, que os norte americanos têm fundado, nestes últimos annos nalguns Estados do sul do Brasil. O pretexto allegado é o perigo de uma infiltração desnacionalizadora, com que mal disfarçam a velha intolerância catholica, saudosa das fogueiras da inquisição [...] (CUNHA, 1924, p. 92)

Parte do direcionamento das críticas feitas por Hygino são aos jornais católicos piauienses como O Apostolo e a A Cruz, mas também ao posicionamento de uma elite que tinha na fé uma forma de manutenção do seu poder, a questão era manter a submissão do povo pela imagem de sujeitos castos e religiosos tementes a Deus.

A intolerância vinha disfarçada pelo número de analfabetos no estado, o que impedia que essa massa “ignorante” pudesse ser ativa a ponto de desenvolver o estado, mas as alegações de Cunha colocavam o Piauí em um campo de disputa entre uma elite católica desejosa de ter a Igreja no dialogo com o Estado e uma elite intelectual que via a essa separação como necessária ao desenvolvimento.

Mas ao mesmo tempo é possível perceber pelo dialogo desses intelectuais como também era necessário, “doutrinar” o povo, que vivia a beira do fanatismo mantendo práticas religiosas antigas, a maneira própria que o povo tinha de aproximar-se do sagrado demonstrava a falta de trato do povo e sua falta de cultura, no caso a falta de erudição, que aproximava o “Santo” tornando-o um igual.

[...] o sapateado dessas festas, se não se adicionassem a estas as aclamações immoraes e os ditos mais descabellados. Que seja, afinal, tudo isso aceito com jocosidade e catitismo no mundo profano, não é aqui lugar para fazer-se reparo; mas, curiosa é que seja esta a attitude do sertanejo nas cerimônias do culto catholico. Tão grosseiros são os seus sentimentos religiosos que, sem intenção de chalacear com a divindade, ditos ambíguos se entoam em seu louvor. (OLYMPPIO, 1912: 68-69)



Temos dois grupos com propósitos antagônicos, mas com objetivos semelhantes conquistar o maior número de “correligionários” que pudessem consumir suas idéias, mas ao mesmo tempo buscam exclusividade, em um ambiente onde as informações não chegavam a todos e nem era interesse que todos as tivessem.

Cunha tenta a todo custo defender a República fazendo críticas a Portugal apontando o seu cheiro de Igreja e a ação clerical tão presente nas discussões políticas, confirmando a necessidade da República brasileira se afastar da Igreja, entre o discurso o intelectual faz alusão a Revolução Francesa, mas especialmente cobra posicionamento político do governo.

O clero brasileiro ainda não se conformou com a secularização do ensino nas escolas oficiais ou oficializadas. Continua a reclamar o antigo privilégio do ensino religioso nas escolas do Estado, em todos os graus, sem se preocupar com a instrução popular de iniciativa própria. Ainda na última campanha presidencial, se fez sentir a sua influência em favor de um dos candidatos dito afeiçoados à Igreja Católica [...] (CUNHA, 1923, pp. 98-99)

Aqui percebemos o que Maurice Aguilhom chamaria de “Círculo”, principalmente no Piauí onde a massa intelectual e anti clerical era pequena e elitista, por mais que cobrasse um posicionamento mais aguerrido do Estado, na perspectiva de uma intervenção na sociedade, os mesmos querem manter a exclusividade e os benefícios garantidos por esse lugar social privilegiado. “O Círculo seria um [...] “club” inglês. Se trata, em princípio, de uma associação de homens desinteressada (no lucrativa) e incluso para viver juntos lá no actividade e o el ócio” (AGUILHOM, 2009, p. 47).

Cunha inclusive percebe a divisão da própria elite uma parte a feita a uma aproximação prodigiosa com a Igreja Católica e outra parte reformista desejosa pelo progresso, inclusive essa separação não deixou de ser percebida pelo historiador, mas também religioso Monsenhor Joaquim Chaves ao fazer a descrição do processo de evangelização do Piauí no seu “Cadernos Históricos”, o Monsenhor aponta a necessidade da Igreja Católica se reformar.

[...] a Igreja encontrava nos esquemas tradicionais o suporte social de sua estrutura. Tanto quanto essa sociedade permaneceu tradicional e ainda

permanece, hoje, de alguma forma, a estrutura eclesiástica e normativa não foi apenas conservada, mas defendida e elogiada.

Ocorre, porém que as mudanças sociais decorrentes do progressivo processo de urbanização, da influência dos grandes centros sobre os menores e sobre a área rural através dos modernos meios de comunicação, da penetração de novas idéias, da participação cada vez maior de indivíduos nos seus próprios grupos [...]. (CHAVES, 2013, p. 248)

A Igreja descrita por Monsenhor Chaves também sente os impactos das mudanças no país dos ditos olhares progressistas, mas também pela perda de um grupo significativo com influência dentro e fora do governo, a diluição de seu grupo e “migração” de sua elite para esse ciclo progressista.

A necessidade de renovação do clero está presa a necessidade de manter o controle, o que aponta para necessidade de se fortalecer os grupos próximos a igreja, mas ao mesmo tempo dá autonomia para a aproximação voluntária dos fiéis que se afastaram pelo autoritarismo de alguns clérigos.

[...] uma estrutura como a nossa, que ainda se apresenta clerical e normativa, estremece diante as exigências. O que ela tem para oferecer não corresponde ao solicitado, daí o mal-estar experimentado por pastores realmente interessados na renovação da Igreja, ao se sentirem ligados às injunções das normas e às conseqüências da dominação legal, exercida pela estrutura sobre os fiéis. (CHAVES, 2013, p. 250)

O Jornal O Apostolo de Janeiro de 1909 publica na sua página de abertura uma Encíclica do Papa Pio X a respeito das chamadas doutrinas modernistas, na encíclica o Papa tenta apontar a necessidade de um dialogo entre religião e ciência, que no caso do Piauí soava também como embate político.

Em matéria de religião é dever da philosophia não dominar, mas servir, não prescrever o que se deve crer, mas aceita-lo com razoável respeito, não prescrutar os profundos dos mysterios de Deus, mas piedosa e humildemente venerar-os. Os modernistas entendem isso ás avessas. [...]. Alguns dentre vós, excessivamente cheios do espirito de vaidade, com profanas novidades se esforçam por transpor os limites traçados pelos Santos Padres, curvando a doutrina philosophica dos racionalistas a interpretação das páginas celestes , não para proveito dos ouvintes, mas para dá mostras de saber... (O APOSTOLO, 1909, p. 01)

A Encíclica ilustrava o momento de transformação no mundo, mas também como esses reformadores conseguiam mais uma vez fazer com que a fé fosse



questionada, sendo percebidos pelo papa e por alguns religiosos como egoístas. Para a Igreja e no caso estudado a elite católica piauienses era um grupo hipócrita sem muito interesse de transformação eram antes opositores da santa igreja e de um governo moralmente constituído.

“O religioso informa em grande medida o político, e também o político estrutura o religioso” (COUTROT, 2003, p. 335), não adianta questionar as dicotomias desse momento histórico, mas lembrar que o religioso mantém um estreito dialogo com o sujeito político. No caso do Piauí, mesmo aqueles que parecem desapegados da religião necessitam dela para se mostrarem contrários, um jogo de força que manteria alguns no poder pelo papel solidário de filhos honrados, maridos castos e homens religiosos.

O filho da Igreja catholica detesta a <metempsychose> engenhosa e falaz destes philosophos, refundindo o myto do destino, filho do Chaus e da noite em pedra philosophal das leis da evolução e do progresso dos seres [...] Não colhamos rédeas ao grande galop do progresso espiritual e material do nosso destino; firmemos as nossas crenças religiosas e desenvolvamos as nossas atividades em todos os ramos sem solução de continuidade. (O APOSTOLO, 1909, p. 2)

O texto é uma nota de feliz ano novo e dentre os desejos do Jornal está o bom fiel que não se deixa levar pelos racionalistas, a nota de ano novo tenta fazer um dialogo com os leitores do jornal e os congratula pelo ano que se inicia, inclusive faz votos para que em 1909 encontrem o progresso espiritual que tanto é esperado pelos religiosos.

Alguns grupos se apoiaram nesse embate, o Jornal o Apostolo e seus colaboradores, que mostravam nas suas páginas insatisfação ao governo Republicano, ora taxado de aberração, ora de libidinoso que aproveitava-se da ingenuidade do povo para convencer de que a laicidade era necessária.

Tivemos uma comunicação, que nos encheu de surpresa, apesar de vivermos no tempo do anormal, do domínio das cousas disparatadas, em pleno desenvolvimento político, - appellidado por imprudente ironia de governo republicano federativo. (O APOSTOLO, 1912, p. 01)

A critica abre as páginas do Apostolo de outubro de 1912, o jornal tenta mostrar que a aclamada e desejada República havia trazido crise ao Estado do Piauí, uma crise que não estava sendo resolvida pelos governantes, mas sim ampliado as dividas e

resultado em precipitação do governo, que estava se afogando em dividas e deixando de assistir a população.

Mas o discurso é feito com o objetivo de desacreditar o governo e o novo regime político, que afastado da Igreja deixava de pensar na população e no bem estar do Estado, o Jornal aponta de forma ofensiva e rancorosa os ajustes feito as escondidas pelo governo para garantir um vultoso empréstimo para o Estado do Piauí.

Um Estado que se entrega ás garras da usura, - caminha vertiginosamente para o precipício, dando-nos o estalão por onde podemos afferir com segurança a estatura moral dos que o administram. [...] não se illudam os operários da boa vinha, que os fementidos pedreiros livres, os empreendimentos suppostos de utilidade publica não passam de traiçoeiros alcapões, destinados a colher os incautos, dando-lhes como isca o sangue do povo. Cuidado, muito cuidado! (AVELLINO – O APOSTOLO, 1912, p. 01)

Possível notar que a temida República tirava do poder uma elite conceituada que no caso do Estado do Piauí, mantinha sua ordem pela articulação com a Igreja Católica que se responsabilizava pelo controle espiritual dos fiéis, mas também permitia a ascensão de seus correligionários, valendo o apontado por Aline Coutrot (2003) não é a religião e política algo dicotômico, pelo contrário as duas dialogam por interesses próximos.

O pensamento de Coutrot dialoga como nossa discussão por entendermos, assim como propõe a autora, que o espaço religioso é um lugar mediado e que inclusive, mantém um constante dialogo como o meio social, os sujeitos ao adentrarem o espaço da igreja não se tornam avessos aos acontecimentos sociais, portanto o que pode parecer um lugar neutro pode torna-se um centro de conflito e mediação política.

O fundamento de todas as mediações reside no fato de que a crença religiosa se manifesta em Igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política. [...] é fácil compreender que as intervenções das autoridades religiosas, exprimindo-se em nome de vários fiéis, têm uma influência política e não podem ser ignoradas pelo Estado, a influência especifica dos crentes não é evidente. Trata-se de uma população até hoje numericamente muito importante, mas extremamente heterogênea pela idade, pelas características socioeconômicas e geográficas e pelas experiências humanas. (COUTROT, 2003, pp. 332-333)

Essa heterogeneidade de sujeitos que ocupam o espaço religioso foi e ainda é muito disputado pelos políticos, que mediam desejos dos votos e apoio popular passam a compor o corpo de crentes dessas Igrejas, portanto no período de instauração da República todos os posicionamentos e manifestações desse novo regime que soassem desfavoráveis a articulação crença e política soava para esse grupo tão prejudicial.

Localizando-nos no tempo histórico desses sujeitos diríamos que o exercício de mostrar uma nova ideologia, ou mesmo de manter uma também reclinam-se sobre a necessidade de renovação, são as elites católicas muito conectadas as renovações do mundo.

Esses grupos apontam para necessidade de uma organização que convergia para seus escritos, sejam os dos jornais aos periódicos, também selecionava os sujeitos do grupo, a suposta preocupação elencada nos periódicos com a sociedade piauiense se resumia, na maioria das vezes em preocupação apenas com a manutenção de seus poder e dos sujeitos que já ocupavam esse lugar.

Podemos inferir que esses grupos mesmo antagônicos refletiam bem a seletividade dos Círculo Burguês, mas uma vez tomando de empréstimo a fala de Aguilom (2009) eram uma parte representativa na constituição social de períodos históricos distintos, inclusive junto a esse trabalho criativo de escrita esta também o cultivo do ócio da possibilidade de ter tempo livre para produzir esse pensamento crítico.

No Piauí a dicotomia Católicos e intelectualidade maçônica existia muito mais no papel, pois a igreja que se pretendia reformada não queria perder o seu poder assim como os republicanos desejam um lugar ao sol. No fim todos queriam seu quinhão no estado e educadamente conquistaram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão proposta pelo texto nos permitiu pensar como se organizou os embates políticos no Piauí no início da Primeira República, inclusive observando o lugar de uma intelectualidade católica fiel aos dogmas da Igreja e uma intelectualidade maçônica desejosa de progresso e “renovação”.

Os periódicos, mesmo com vida curta garantiam no estado o trânsito de idéias desses grupos e faziam com que seus correligionários se mantivessem no apoio, assim como também poderia garantir novos adeptos, que se integrariam a esse circuito.

As missas, novenas, saraus, discursos viam travestidos dos propósitos desses grupos e interligavam e garantiam também o poder do estado, pelo governador temente e confiante em Deus, que muitas vezes deformava os propósitos de uma República laica. Assim como a intelectualidade que de seu lugar mantinha a crítica a conjuntura social piauiense ainda muito apegada aos dogmas católicos.

Essa previsão de separação funcionava no circuito da elite piauiense em especial da capital Teresina, onde os periódicos tinham maior força e onde boa parte circulava, mas não devemos esquecer as elites do interior do estado de cidade representativas como Parnaíba localizada no litoral e com uma elite reformista atuante, inclusive os que compunham o periódico Almanaque da Parnaíba, assim como a elite Oeirense e seu jornal O Cometa, que compunham o corpo criativo da primeira capital do Piauí.

Mas mesmo essas disputas tinham seus momentos de negociação, pois alguns desses grupos percebiam a necessidade de doutrinação do povo, uma população analfabeta que de maneira “irracional” ainda mantinha cultos ultrapassados com práticas festivas que destoavam o modelo proposto pela intelectualidade do Estado.

Portanto, nem sempre o que aparentava confronto era experienciado no cotidiano, pois mesmo os críticos ao modelo católico viviam laços tradicionais que não os afastavam totalmente da ortodoxia católica, o estado como lembrou Monsenhor Chaves (2013) uma clero que precisava se renovar abrindo mão de um espaço confortável na elite passando a rever suas ações.

Essa renovação da Igreja Católica será sentida no Piauí de forma progressiva e mais profundamente nas décadas de 1960, padres voltados a um desejo social e também

político, mas que antes de buscarem apenas as benesses de seu lugar social estarão integrados a um projeto de Igreja do povo.

Assim percebemos que essa dicotomia católicos e republicanos no estado do Piauí renderam boas disputas e excelentes livros, uma literatura que compunha o cerco dessa elite que desejava poder e celebrava na missa ou nos saraus a garantia de manter-se no poder e propagar seus ideais pelas páginas dos jornais.

### Referencias

A CRUZ. *Jornal A Cruz*. Ano II Teresina 1º de Janeiro de 1891. Nº 21

AGULHON, Maurice. *El círculo burguês*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

AVELINNO, Lucrécio Dantas. *Jornal o Apostolo*: orgam oficial da Diocese. Ano VI. Teresina 6 out de 1912. Nº 272.

CARTA ENCYCLICA. *Jornal O Apostolo*: orgam oficial da Diocese. Ano II. Teresina 10 jan de 1909. Nº 83.

CHAVES, Monsenhor Joaquim. Evangelização no Piauí: perspectiva histórica de sua implantação e estruturação. In *Monsenhor Chaves obra completa*. Teresina: FMC, 2013.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In REMOND, René (org.). *Por uma História Política*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CUNHA, Hygino. Ciencia e Religião. In *Revista Litericultura*. Teresina, 1913, nº 5.

\_\_\_\_\_. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauíense, 1924.

OLYMPPIO, Mathias. A maçonaria como factor de liberdade. In *Revista Litericultura*. Ano I. nº 4. Teresina: Tipografia Paz, 1912

\_\_\_\_\_. Festas Populares Piauíenses. In *Revista Litericultura*. Ano I. nº 4. Teresina: Tipografia Paz, 1912

PIRES, Maria da Conceição Francisca. O eclipse do império sob a “pena da galhofa”: a crítica política de Ângelo Agostini em A Revista ilustrada e em o Mosquito. In SOIHET, Rachel; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de; AZEVEDO, Cecília;



GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.